

crítica



Antonio Hohlfeldt

Teatro

a_hohlfeldt@yahoo.com.br

Dramaturgia que quebra a naturalidade

Altair Martins estreou como contista em 1999, com *Como se moesse ferro* (WS Editor). Nos últimos anos, resolveu experimentar a dramaturgia, com *A guerra da urina*. Em 2025, reuniu três textos em volume, sob o título da peça que dá nome à obra, *Tango para homens velhos*. Sua prosa é eminentemente experimental, ousa quebrar paradigmas dos gêneros. O mesmo ocorre com seus textos dramáticos, com um acréscimo: ele revisita o gênero do *non sense* do Teatro do Absurdo, usando ironia e paródia em doses nada homeopáticas. Lembra muito o artista plástico búlgaro Christo, que fazia gigantescas obras de encobrimento de parques, edifícios e paisagens variadas, de maneira a torná-las mais visíveis a nossas percepções. Martins encena o absurdo do cotidiano sob o signo da naturalidade e, assim, o denuncia e o critica. Outra observação é que, entre seu texto de estreia e estes novos, houve uma nítida evolução de sua escrita dramática, que ganhou naturalidade, agilidade nos diálogos e um sentido de economia da cena

(fundamental para o bom resultado de um texto dramático quando levado ao palco). O primeiro texto presente neste volume intitula-se, como se disse acima, *Tango para homens velhos*. Na didascália da obra, Martins explicita: “condenados a costurar, até a velhice e a morte, uma extensa bandeira que ilustra a misoginia e o feminicídio, Sérgio, um juiz de Direito, e Alcides, um pintor de paredes, escondem-se atrás de uma tragédia cuja culpa não querem espíar”. Falta completar: porque não querem reconhecer sua responsabilidade, que é o assassinato das respectivas companheiras. Tivemos, na semana passada, a comemoração do Dia Internacional da Mulher, mas talvez o ponto mais importante ainda não foi suficientemente explorado: para se vencer a questão, há que envolver os homens. Nesta perspectiva se coloca a dramaturgia de Altair Martins. Na peça dramática, um juiz, carregando toda a sua vaidade e pre-

potência, reparte o espaço, e a culpa, com um pintor de paredes. Mas ambos mantêm o mesmo comportamento, sobretudo, o de insistirem em que não são responsáveis pelas mortes das esposas. Enfiados num espaço claustrofóbico, metáfora de sua própria responsabilidade, eles temem a proximidade com os ratos. Talvez a cena 4, neste sentido, seja a mais interessante, na medida em que cada um deles, ao narrar as mortes das esposas, atribuem-na a um rato, mas travestido neles mesmos. “Não há como confundir o meu rato: ele tinha mais ou menos a minha altura. Cheirava a cachaça. Mas usava roupa de gente”, diz Alcides. Também o juiz “apresenta” seu crime desta forma: “Os ratos me colocaram na ceira de frente pra Ana. Eu protestei, mas a minha voz não saía. Eu tentei me levantar, mas eu só mexia os olhos”. No texto seguinte, *A nuvem vigilante*, duas mulheres na manicure observam o que ocorre ao redor, quando um homem aparece transtornado, porque está babando incontinentemente. Na manicure, é sugerido que ele consulte a veterinária da pet shop em frente;

e assim o enredo se desenrola, com este se perdendo cada vez mais nas malhas de uma situação que não alcança entender. O texto final é *Amém - drama digital*, em que Martins aciona algumas figuras conhecidas da ficção, quer a clássica - Robinson Crusoe - quer a da comunicação de massa - Mulher Maravilha -, além de um banqueiro chamado O olho que tudo espia e outro denominado Pés com meias amarelas: a discussão gira em torno do que é realidade e o que é mera aparência. Para que o leitor tenha ideia do absurdo do diálogo, basta esta passagem: “Que bom que o senhor é banqueiro e não fala italiano. Que bom que não sou banqueiro e também não falo italiano. Assim, podemos nos comunicar”. É claro: todo o texto dramático só é provado quando chega à cena. Mas é importante sua leitura prévia, que nos antecipa o que pode vir a ser um espetáculo. Neste caso, Altair Martins está aprovado.

Ele revisita o gênero do *non sense* do Teatro do Absurdo, usando ironia e paródia, em doses nada homeopáticas

acontece

Mostra de Cinema das Missões

As ruínas da catedral de pedra de São Miguel Arcanjo, no Rio Grande do Sul, preparam-se para receber a quarta edição consecutiva da *Mostra de Cinema das Missões*. O evento, que acontecerá de 29 de outubro a 1º de novembro de 2026, terá um significado especial ao celebrar os 400 anos da presença das Missões Jesuíticas no sul do Brasil.

O anúncio oficial da nova edição ocorreu durante o Fórum Nacional de Secretários e Dirigentes Estaduais de Cultura, em São Miguel das Missões, confirmando que o sítio arqueológico, reconhecido como Patrimônio Mundial pela Unesco, será novamente transformado em uma sala de cinema ao ar livre com sessões gratuitas.

Dentro da catedral, será montada uma estrutura com cadeiras personalizadas para o público sentar e observar a tela de exibição, evidenciada ao fundo das ruínas.

A curadoria focará em curtas-metragens locais, nacionais e internacionais que abordam temas essenciais como a consciência ecológica, as migrações e a coexistência entre os povos.

Um dos grandes marcos deste anúncio foi a criação do inédito Prêmio Voz da Terra, cuja primeira edição foi dedicada à atriz Fernanda Montenegro. A homenagem celebra a trajetória da artista que, há mais de 40 anos, em presta sua voz para conduzir o público

pela história da região durante o espetáculo *Som e luz*.

O troféu entregue na ocasião foi uma criação do artista missioneiro Irineu Garcia, que esculpiu a peça a partir de uma pedra missioneira para simbolizar a identidade e a memória do território. Embora Fernanda não tenha conseguido comparecer à cerimônia, ela enviou uma carta lida pela Secretária de Cultura e Economia Criativa do Rio de Janeiro, Danielle Barros, e receberá a distinção pessoalmente na capital carioca nos próximos meses.

Pautada pelo conceito de “Cinema em Cerimônia: celebrar iluminando com parcimônia”, a *Mostra de Cinema das Missões* busca ocupar o espaço histórico de forma respeitosa e inspiradora, contando com a parceria do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). Além das exibições cinematográficas dentro da catedral, a programação de 2026 prevê uma agenda paralela com palestras e debates no Tenondé Park Hotel, além de ações educativas e sessões itinerantes que devem circular por diferentes cidades do interior do Estado.

O projeto já está aprovado no âmbito da Lei Federal de Incentivo à Cultura (Pronac), permitindo a captação de recursos para consolidar o evento como uma plataforma cultural e turística em permanente expansão.



Além das sessões nas ruínas, a mostra terá uma agenda paralela com palestras e debates